



Educação física, raparigas e estilos de vida - percepções femininas

Rui Neves

Departamento de Educação

Centro de Investigação "Didática e Tecnologia na Formação de Formadores"
(CIDTFF)

Universidade de Aveiro

rneves@ua.pt

Resumo

A natureza das experiências dos estudantes em Educação Física (EF) pode influenciar as opções de estilo de vida enquanto adultos, mas também como futuros educadores e professores. Por outro lado, a qualidade dos programas de EF poderá contribuir para percepções positivas por parte dos estudantes. Este estudo resulta de dados recolhidos em 4 anos letivos (de 2007/2008 a 2010/2011) junto de um total de 277 estudantes do sexo feminino, da Licenciatura em Educação Básica da Universidade de Aveiro. Foi aplicado um questionário e uma escala de percepção (nível 1 – nada ... 7 – bastante) e explicitação dos seus fundamentos, sendo os dados tratados em termos de análise estatística descritiva e análise de conteúdo. Os resultados identificam uma percepção positiva de influência da EF para com os estilos de vida, mas sem um carácter muito vincado dessa influência. A grande maioria dos estudantes (60.6%) identificam-se nos níveis 4 e 5 da escala, sendo a categoria efeitos específicos da EF a mais referenciada como fundamento ("A EF preparou-me para e encorajou-me para praticar desporto"; "Porque hoje ainda pratico algum exercício físico"; "Porque aprendi vários desportos"). Estes resultados podem refletir a natureza das experiências de ensino em EF proporcionadas nas nossas escolas, em especial às raparigas.

Palavras-chave: Educação física, Raparigas, Estilos de vida, Influência

Abstract

The nature of students' experiences in Physical Education (PE) can influence the choices of lifestyle as adults, but also as future educators and teachers. Moreover, the quality of programs EF can contribute to positive perceptions by students. This study results from data collected in 4 academic years (2007/2008 to 2010/2011) with a total



of 277 female students, of Bachelor in Basic Education from the University of Aveiro. We used a questionnaire and a scale of perception (level 1 - 7 ... nothing - rather) and explanation of its reasoning, the data being processed in terms of descriptive statistics and content analysis. The results identify a perception of influence of EF toward positive lifestyles, but without a character so much that influence. The vast majority of students (60.6%) identify themselves at levels 4 and 5 of the scale, and the category-specific effects of EF as the most referenced basis (*"PE has prepared me and encouraged me to play sports"; "because today still practice some exercise"; "because I learned several sports"*). These results may reflect the nature of the learning experiences offered in PE in our schools and in particular girls.

Keywords: Physical education, Girls, Lifestyles, Influence.

Résumé

La nature de l'expérience des élèves en éducation physique (EF) peut influencer les choix de vie que les adultes, mais aussi des éducateurs et des futurs enseignants. Aussi la qualité des programmes EF peut contribuer à une perception positive par les étudiants. Les résultats de cette étude à partir de données recueillies en 4 années académiques (en 2007/2008-2010/2011) avec un total de 277 étudiantes du baccalauréat en enseignement primaire de l'Université d'Aveiro. Un questionnaire a été administré et une échelle de perception (niveau 1-7 ... rien - assez) et l'explication de son raisonnement, et les données traitées en termes de statistiques descriptives et des analyses de contenu. Les résultats mettent en évidence une perception positive de l'influence de EF vers des modes de vie, mais sans un caractère très prononcé de cette influence. La grande majorité des étudiants (60,6%) s'identifient aux niveaux 4 et 5 de l'échelle, et les effets spécifiques d'une catégorie de EF plus référencé comme raison («EF m'a préparé et m'a encouragé à faire du sport»; «parce qu'aujourd'hui encore pratiquer un peu d'exercice», «parce que j'ai appris plusieurs sports»). Ces résultats peuvent refléter la nature des expériences d'apprentissage offertes dans PE dans nos écoles, en particulier pour les filles.

Mots-clés: Éducation physique, Les filles, Style de vie, L'influence

Introdução

Todos os educadores e professores crescem a observar professoras em ação, registrando consciente e inconscientemente tudo o que vivem. Antes de serem professoras, enquanto alunos gastam mais de 15.000 horas entre a educação



pré-escolar e o 12º ano de escolaridade a observar e participar em aulas (Lortie, 1975). Ao longo da sua vivência enquanto alunos, recebem exemplos positivos e negativos que vão contribuir para estruturar as suas futuras referências profissionais. Para vários autores (Lortie, 1975; Lawson, 1989), estamos perante "*a aprendizagem por observação*". No caso da EF, com base nas aulas realizadas na escola, nos treinos e competições no clube, bem como nas ideias sociais e culturalmente dominantes na área das AFD, em que os professores de EF exemplos de entre os seus pares, podem influenciar o desenvolvimento de atitudes positivas em relação à EF (Hicks et al., 2004).

Eles actuam como intérpretes de ideias e portadores de valores, em função das experiências anteriores, trabalhando em contextos institucionais que incorporam complexas interações de ideias e ações, pelo que são um fator chave em qualquer modificação curricular (Calderhead, 1996).

A profissão docente tem características próprias que a tornam, não especial, mas diferente. Um professor, desde que inicia a entrada na profissão, realiza um percurso profissional com diferentes significados pessoais e sociais. Há uma evidência de que a socialização profissional para os professores se inicia com a primeira experiência escolar, como uma forte influência. A experiência da formação superior é apenas uma das influências necessárias para se ser professor (Laker et al., 2004).

Numa visão global sobre as atitudes e crenças dos jovens europeus acerca da escola e da EF e de compreensão do seu estilo de vida, Piéron et al. (2001) constataram que, apesar da grande variação das atitudes dos jovens europeus acerca da EF, elas são mais positivas do que sobre as que possuem sobre a própria escola. Há uma diminuição das opiniões favoráveis sobre a EF conforme se avança na idade, tendência particularmente evidente nas raparigas. Estas distinguem-se de acordo com a sua vinculação à participação desportiva em competições, que contribui para a manutenção de uma opinião mais favorável sobre a EF, entre as raparigas. Podemos pois dizer que, aos olhos dos jovens europeus, a EF é para si mais importante do que a escola, o que, referente a um campo envolvendo jovens de vários países europeus, nos dá uma ideia da imagem positiva da EF durante a infância e a adolescência e seu papel socializador no âmbito das AFD.

Podemos mesmo referir que as perceções derivadas das experiências vividas no contexto da escola, e principalmente na EF, se relacionam significativamente com a participação desportiva das raparigas (Fox, 1988), ao mesmo tempo que programas de EF de qualidade contribuem para a manutenção de perceções positivas pelos alunos (Trudeau & Shepard, 2005).



Flintoff e Scraton (2001) num estudo de natureza qualitativa centrado sobre as perceções de jovens sobre os seus estilos de vida e as experiências em EF, salientam a importância de distinguir entre práticas tradicionais desportivas e práticas de atividades variadas no quotidiano de cada jovem. Por outro lado, salientam a importância do contexto local, incluindo a cultura particular da escola e do departamento de EF. As características dos professores que promovem contextos seguros e estimulantes, reconhecendo também as motivações e aspirações das estudantes são melhor sucedidos na sua ação. Constataram também que as jovens estudantes são fortemente influenciáveis pelos discursos associados à saúde e ao bem-estar e suas relações com a atividade física.

Por outro lado, num estudo centrado na equidade nas aulas de EF, Rodrigues et al. (2003) para as raparigas as atividades realizadas nas aulas de EF são repetitivas, agradando mais aos rapazes. Segundas elas, nas aulas de EF no ensino secundário os rapazes têm mais facilidade devido à sua constituição física, existindo atividades relacionadas com o género feminino e masculino: voleibol, badmington e ginástica para as raparigas e a maioria dos desportos coletivos para os rapazes, enquanto percebem que os professores de EF têm uma expectativa mais elevada para com os rapazes do que para com as raparigas e que a falta de interesse pela EF é influenciada pelos pais.

Vários estudos centrados naquilo que são as crenças, opiniões e representações dos alunos sobre as suas vivências em EF (Shigunov, 1991, Duarte, 1992; Fraga, 1994; Gonçalves, 1997; Pereira, 2000) têm permitido aceder ao que os alunos pensam sobre a EF em Portugal. Os estudos têm evidenciado que os alunos gostam da disciplina de EF e consideram importante a sua integração no currículo escolar, existindo diferenças significativas nas perceções dos alunos em função da idade e do sexo. A sua atitude parece não ser influenciada pela condição socioeconómica da família nem pela localização da escola (Fraga, 1994; Gonçalves, 1994; Leal, 1993; Shigunov, Carreiro da Costa e Brito, 1993). De acordo com Carlson (1995), diferentes estudos têm evidenciado que 80% ou mais dos alunos referem gostar da disciplina de EF. Também em Inglaterra, Williams e Woodhouse (1996), num estudo com 2993 alunos, identificaram grande satisfação com a EF, com diferenças entre rapazes (84% positiva) e raparigas (63% positiva). No entanto, há indicadores que apontam no sentido do crescimento do número de alunos que consideram a EF pouco relevante e agradável (Tinning e Fitzclarance, 1992, apud Carlson, 1995).

Cloes, Motter & Van Hoye (2008) num estudo realizado junto de escolas culturalmente diferentes (4 "french speaking", 3 german speaking na Bélgica e 1 inglesa) num



total de 223 alunos, os resultados apontam no sentido de estes considerarem que a sua escola desempenha uma reduzida influência na promoção de estilos de vida ativos.

Em Portugal, diversos estudos apontam para a satisfação global dos alunos (Gonçalves, 1997; Leal, 1997). Mourão (1997), num estudo centrado no pensamento do aluno sobre as perceções e crenças sobre o sucesso e insucesso em EF, conclui que os alunos possuem uma atitude globalmente muito positiva em relação à EF, indicando um gosto elevado pela disciplina e reconhecendo um elevado grau de importância no seu contributo formativo.

As preferências dos alunos por aulas de EF estruturadas numa perspetiva de ensino-aprendizagem, expressa através da valorização de dimensões relacionados com a promoção da aprendizagem e comportamentos de ensino do professor, superiorizaram-se à perspetiva pedagógica de aulas centradas no divertimento e prazer dos alunos e à perspetiva biológica de aulas com elevada intensidade e centradas na melhoria da aptidão física (Mourão, 1997). Também Pereira et al. (2009) salienta que os alunos têm uma atitude favorável em relação à EF, identificando que os rapazes manifestam uma atitude mais favorável do que as raparigas. Loureiro et al. (2011) salienta que de forma consistente, em relação à prática desportiva os rapazes apresentam ao longo dos anos estudados os valores mais elevados. No contexto da caracterização da agenda social do aluno em EF, Castro et al. (2010) referem que em geral os alunos valorizam o sentido académico da EF, ambicionando desta mais do que mera diversão e catarse. No entanto em relação às raparigas, estas assumem uma associação entre uma conceção recreacionista das aulas de EF e objetivos sociais, designadamente de diversão. No contexto das conceções de EF os rapazes parecem preferir uma orientação para o treino das capacidades motoras, enquanto as raparigas para a promoção de momentos de convívio e de lazer.

Ainda sobre as atitudes dos alunos em relação à EF, Pereira (2012) salienta que a maioria dos alunos considera que alcança normalmente “bons” ou “muito bons” resultados, sendo estes consequência de causas internas (capacidade, esforço, disciplina), externas (professor) estáveis (capacidades) ou instáveis (esforço, professor, disciplina), controláveis (esforço, disciplina) ou incontrolláveis (capacidades, professor). Constata ainda o autor que os alunos não consideram existir uma diferença de tratamento dos professores de EF, com base no género ou face aos alunos de rendimento mais e menos elevado em EF.



Deste modo, consideramos que a natureza das experiências pessoais na EF, podem influenciar os estilos de vida como adultos (Trudeau e al., 2004), mas também como futuros educadores e professores, pelo que se torna relevante conhecer e caracterizar a perceção de futuros educadores e professores acerca da influência das suas experiências em EF, para a adoção de estilos de vida ativos e saudáveis.

Metodologia

1.1 – O grupo de estudo

Este estudo foi realizado junto de 277 estudantes do sexo feminino do 1º ano da Licenciatura em Educação Básica da Universidade de Aveiro, ao longo de 4 anos letivos: 2007/2008, 2008/2009, 2009/2010 e 2010/2011. Todas as estudantes frequentaram a disciplina de Educação Física em várias escolas básicas e secundárias.

1.2 – Recolha de dados

Os dados foram recolhidos através de um questionário, aplicado na 1ª aula da unidade curricular de Expressão e Educação Motora, usando duas questões: i) uma para identificar numa escala de Likert (nível 1 – nada ...7 – bastante) “Classifica o grau como a tua frequência da EF na escola te preparou para integrares as AFD no teu estilo de vida?” e ii) “Porquê?” aberta e justificativa da anterior.

1.3 – Tratamento de dados

Os dados foram tratados em termos de estatística descritiva e análise de conteúdo, utilizando para o efeito o “Sistema de Categorização das Experiências Pessoais em Educação Física” (Carreiro da Costa e al., 1993).

Apresentação e discussão de resultados

Os resultados obtidos são apresentados sob diferentes perspetivas, optando-se por subdividir este ponto. Assim, apresentam-se de seguida resultados globais com frequências relativas e respetivas percentagens, média, desvio-padrão e moda global, valores de média, desvio-padrão e moda distribuídos por ano letivo e finalmente as justificações das estudantes para as suas perceções.



Uma valorização positiva da EF, mas com neutralidade

Os resultados apresentados no quadro 1 permitem-nos identificar que há uma valorização positiva da EF como factor influenciador do estilo de vida das raparigas inquiridas, na linha de outros estudos (Carlson, 1995; Williams e Woodhouse, 1996; Piéron et al., 2001; Trudeau & Shepard, 2005). Os níveis que claramente se destacam com maior expressão são o 4 (87 – 31.4%) e o 5 (81 – 29.2%), o que também indicia um carácter positivo, mas pouco acima dos valores de tendência central na escala utilizada. Mesmo assim, deveremos destacar que 60.6% das raparigas, têm uma percepção positiva entre o nível 4 e 5 da escala.

Quadro 1: Percepção de influência da EF no estilo de vida – valores, percentagem/nível

Nível	1	2	3	4	5	6	7
N	6	9	43	87	81	42	9
%	2.2	3.2	15.5	31.4	29.2	15.2	3.2

Saliente-se que os níveis com menor expressão, nomeadamente o 1 (6 – 2.2%), 2 e 7 (9 – 3.2%) correspondem aos valores extremos da escala.

A média global é de 4.388 com um desvio-padrão de 1.227 e a moda a situar-se no nível 4, o que reforça a análise de que parece existir uma percepção positiva, mas não de uma forma categórica e expressiva.

Quadro 2: Percepção de influência da EF no estilo de vida – média \pm desvio-padrão e moda

	Média geral \pm dp	Moda
Valores globais	4.388 \pm 1.227	4

- totalidade dos anos letivos

Ano letivo / ano letivo – influência constante

As estudantes apresentam uma percepção positiva da EF como influência para o seu estilo de vida, com um valor global de 4.388 \pm 1.227. Ao longo dos 4 anos letivos os valores da média apresentam-se muito próximos, indo de 4.380 a 4.422, denunciando uma consistência de valores de média que se deve salientar pela proximidade ao longo do tempo (quadro 3). Estes resultados poderão traduzir uma constância de percepção, digna de realce, se considerarmos que estamos perante dados recolhidos ao longo de 4 anos letivos junto de estudantes de variadas proveniências geográficas e portanto portadoras de diferentes percursos na frequência da disciplina de EF no ensino básico e secundário.



Podemos ainda identificar a trajetória crescente do nível 3, de 11.1% em 2007/2008 até 20% em 2010/2011. Situação semelhante ocorre com o nível 5, apenas diferenciado por um menor espectro percentual. No caso do nível 3 a diferença nos 4 anos letivos é de 9.9%, enquanto no nível 5 ela se situa nos 7.4%.

Influência da EF no estilo de vida - justificações

Os fundamentos apresentados pelas estudantes, para a percepção do nível de influência, apresentam-se (quadro 5) fortemente associados a razões centradas na categoria “Efeitos educativos específicos da EF” (147 – 50.3%) com uma expressiva valorização relativa, confirmando conclusões de Mourão (1997). Nesta categoria encontramos opiniões de estudantes que referem:

“Desenvolvi o gosto pela prática desportiva” (Q16 – 2007/2008)

“A prática da EF na escola fez com que tivesse consciência da importância da atividade física na saúde” (Q18 – 2009/2010)

“Porque conheci novos desportos e regras para que o desporto seja algo agradável e viciante” (Q7 – 2009/2010)

“Preparou-me razoavelmente a ter um estilo de vida ativo e saudável e aprendia a desenvolver bastantes capacidades desconhecidas que eram bastante apelativas” (Q12 – 2010/2011)

“Permitiu-me perceber como a atividade física era importante para manter um estilo de vida saudável e ainda me incutiu o hábito e o gosto pelo desporto” (Q23 – 2010/2011)

Estes resultados apresentam-se em linha com os de outros estudos (Castro et al. 2010; Pereira, 2012) em que os alunos valorizam as dimensões da EF associadas à aprendizagem específica que realizam na disciplina.

Segue-se a categoria “Outros” (48 – 16.5%) aglutinadora de razões não enquadráveis, com alocações bastante variadas e distintas entre si

“Porque já praticava antes de ter essa disciplina” (Q22 - 2009/2010)

“Pouca disponibilidade horária e uma certa preguiça” (Q11 – 2007/2008)

“Nunca gostei das aulas de EF, quando estive no secundário EF não contava para a média, por isso sempre que podia faltava” (Q40 – 2008/2009)



As referências à categoria "Processo ensino-aprendizagem" (38 – 13%) centradas nas dimensões da forma e contextualização da EF tiveram expressões de justificação menos positivas como:

"Não foi uma experiência propriamente motivante a EF na escola. Não me senti enriquecida a nível pessoal, nem tive contactos com nenhuma atividade física a que ache piada. Mas os abdominais dão jeito às vezes!" (Q 32 - 2008/2009)

OU

"Porque apesar de ter proporcionado alguma prática desportiva, penso que ainda existem determinados aspetos que podiam ser trabalhados nas aulas de EF" (Q31 - 2008/2009)

Outro com um enfoque justificativo claramente positivo

"Porque em certa altura fez levantar a autoestima e libertar aquela energia que estava a mais" (Q18 2008/2009)

"A EF desde sempre foi uma disciplina que adorei e era desenvolvida por norma 2 vezes por semana. Aplicava-me e tentava sempre dar o meu melhor, pois era algo que fazia com muito gosto e vontade" (Q20 – 2009/2010)

Quadro 5: Justificações para a influência da EF no estilo de vida – valores/categoria

Categorias	N	%
Efeitos educativos específicos da EF	147	50.3%
Outros	48	16.5%
Processo ensino-aprendizagem	38	13%
Professor	22	7.5%
Não responde	19	6.5%
Condições da escola	11	3.8%
Efeitos educativos gerais	7	2.4%

Como ilustração da categoria Professor (22 – 7.5%) com referências negativas e positivas ao desempenho docente, poderemos identificar:

"Porque sempre tive bons professores que me incentivaram a incluir o desporto como uma atividade indispensável e que só nos faz bem à saúde mental e física" (Q16 – 2010/2011)

"Porque nem todos os professores se empenhavam em dar as aulas de EF" (Q27 – 2007/2008)

"Porque nas escolas em que andei e os professores que tive proporcionaram-nos atividades físicas e desportivas até bastante intensas" (Q 28 – 2007/2008)

"Sempre tive professores que incentivavam os alunos nas aulas de forma a cativá-los e estes adquirirem melhor as técnicas do desporto" (Q9 – 2007/2008)



Destaque aqui para a ausência de referências que ponha em causa um tratamento equitativo em EF, dos professores para com rapazes e raparigas, confirmando desta forma os resultados de Pereira (2012).

No pólo oposto, destaque para a categoria “Condições da escola” (11 – 3.8%) consideradas pelas inquiridas, como a de menor contributo para a sua perceção de influência da EF nos seus estilos de vida.

Conclusões

De uma forma global a maioria das estudantes consideram positivamente a sua perceção de influência da EF na adoção de estilos de vida ativos. Esta dimensão mantém-se de forma criteriosamente constante ao longo dos quatro anos letivos analisados, com os resultados muito próximos entre si. No entanto, apesar de uma perceção positiva, não podemos referenciá-la como muito forte ou categórica aos olhos das estudantes, o que pode indiciar percursos escolares na EF do ensino secundário, nem sempre gratificantes e caracterizados por experiências marcantes e positivas, o que nos aproxima dos dados de Cloes, Motter & Van Hoye (2008). No contexto da justificação das suas perceções, as dimensões associadas aos efeitos específicos da EF, destacam-se na perceção das estudantes. Na EF aquilo que lhe é específico e identitário é assumido (positiva ou negativamente) como o mais relevante na experiência educativa. Esta forte perceção das estudantes para com a sua experiência na EF, releva o facto de serem identificadas atitudes, valores, práticas e competências cuja vivência e apropriação é específica e claramente ligada à aprendizagem na disciplina. Estas referências poderão constituir-se como de natureza pessoal e influenciadoras das suas opções enquanto futuras educadoras ou professoras (Neves, 2007).

A tendência moderadamente positiva da perceção de influência da EF na adoção de estilos de vida ativos deve merecer atenção e reflexão. Tais indicadores não podem ser explicados de forma simplista como reflexo da *masculinização do currículo da EF* (Whitehead e Thorpe, 2004) ou da desvalorização da EF pelas raparigas durante a adolescência. Importa incluir aqui, não só questões associadas à natureza das relações educativas (professores/aluno, alunos/alunos) mas também das características do currículo da EF nas nossas escolas, com maior ou menor ajustamento às necessidades e motivações das raparigas nesta fase da sua vivência escolar. Neste sentido, as decisões dos professores em relação às diferentes opções de organização dos processos ensino-aprendizagem em EF (modelos organizativos, formas de intervenção, rentabilização de recursos, inovação curricular), revestem-



se de grande peso, pelo impacto que têm nas vivências práticas proporcionadas aos alunos ao longo dos anos. Importa ainda não deixar de ter em atenção, a dimensão mais particular de um decréscimo de participação desportiva das raparigas (Loureiro et al. 2011) perante o que a ação dos professores de EF não pode ser indiferente. Paralelamente importa manter uma agenda social e política de valorização da vinculação às práticas das AFD, por parte das políticas educativas multisetoriais (educação, desporto, saúde, desenvolvimento local, planeamento urbanístico, mobilidade urbana, lazer, comunicação social). Apesar de tudo, não poderemos deixar de salientar a visão globalmente positiva expressa sobre a influência da EF, manifestada pelas estudantes de forma constante ao longo dos anos letivos.

Referências bibliográficas

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70. Lisboa.
- Calderhead, J. (1996) Teachers beliefs and knowledge. Em: D. Berliner, y R. Calfee (Eds.). *Handbook of Educational Psychology*. New York: MacMillan Library Reference USA:709 - 725.
- Castro, J. Costa, J. & Onofre, M. (2010). Conceções e agenda social dos alunos face à educação física: influência do género e ciclo de escolaridade. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 35, 99-122.
- Carlson, T. B. (1995). We hate gym: Student alienation from physical education. *Journal of Teaching in Physical Education*, 14: 467 - 477.
- Duarte, A. (1992). *Contributo para o estudo das atitudes dos alunos face à disciplina de educação física: O caso da região do grande Porto*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.
- Flintoff, A. Scraton, S. (2001). Stepping into active leisure? young women's perceptions of active lifestyles and their experiences of school physical education. *Sport, Education and Society*, 6, 1: 5 - 21.
- Fox, K. (1988). The child's perspective in physical education. Parte 1: The psychological dimension in physical education. *The British Journal of Physical Education*, 19 (1): 34 - 38.
- Fraga, A. (1994). *A Perceção dos alunos relativamente ao processo de aprendizagem em educação física*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa. (não publicada)



- Gonçalves, C. (1997). Estudo do pensamento dos alunos sobre o processo de formação em educação física. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 15/16: 99 - 112.
- Lawson, H. (1993). Teachers uses of research in practice: a literature review. *Journal of Teaching in Physical Education*, 12: 336 - 374.
- Laker, A., Lea, S., e Craig, J. (2004). The occupational socialisation of student teachers during school experience. In V. Klisouras, S. Kellis & I. Mouraditis, I. (Eds). *Sport science through the ages. Proceedings Volume I Lectures – Orals. Pre-Olympic Congress. Thessaloniki / Greece.*
- Leal, C. (1995). A educação física no 1º ceb – uma realidade permanentemente adiada. *Ler Educação*. 17/18. Escola Superior de Educação de Beja: 45 - 48.
- Leal, C. e Carreiro da Costa, F. (1997). A atitude dos alunos face à escola, à educação física e alguns comportamentos de ensino do professor. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física* 15/16: 113-125.
- Loureiro, N., Matos, M.G. e Diniz, J. A. (2011). Actividade desportiva e as queixas subjectivas de saúde dos adolescentes em Portugal. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 4, Lisboa, 53-71.
- Mourão, P. (1997). O Pensamento do aluno: Percepções pessoais e crenças sobre o sucesso e insucesso em educação física. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa (doc. policopiado).
- Neves, R. (2007). A construção curricular da educação física no 1º ciclo do ensino básico – conhecimento e percepções dos professores. Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa – Universidade de Aveiro (policopiada).
- Pereira, P., Carreiro da Costa, F., Alves Diniz, J. (2000). O processo de pensamento dos alunos em educação física. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 19/20, 100 -119.
- Pereira, P., Carreiro da Costa, F., Alves Diniz, J. (2009). As atitudes dos alunos face à em educação física: um estudo plurimetodológico. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 34, 83-94.
- Pereira, P. (2012). Processos psico-pedagógicos da aprendizagem (em educação física, Lusociência, Sevilha.



- Piéron, M., Telama, R., Almond, L., Ledent, M. & Carreiro da Costa, F. (2001). Involvement of children in sports and physical activities. Comparative analysis of youth lifestyle in selected european countries. In, Keh Nyit Chin & Hank Jwo (Eds). AIESEP Taiwan 2001 International Conference Proceedings, The Exchange and Development of Sport Culture in East and West. Taipei: National Taiwan Normal University, 2001: 84 - 88.
- Rodrigues, M., Carvalho, M., Silva, R. e Pereira, A. (2003). Equidade na aula de educação física. Actas do II Congresso Internacional Mulheres e Desporto: agir para a mudança. Acedido a 2 de Maio de 2005 em: http://www.mulheresdesporto.org.pt/actas.htm#ancora_indice4
- Shigunov, V. (1991). A relação pedagógica em educação física: Influência dos comportamentos de instrução dos professores no grau de satisfação dos alunos. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Motricidade Humana - Universidade Técnica de Lisboa (doc. policopiado).
- Shigunov, V., Carreiro da Costa, F., e Brito, P. (1993). A relação pedagógica em educação física. Influência dos comportamentos de afectividade e de instrução dos professores no grau de satisfação dos Alunos. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, vol 14, 2: 71 - 84.
- Trudeau, F., Laurencelle, L. & Shephard, R. (2004) Tracking of physical activity from childhood to adulthood. *Medicine & Science in Sports & Exercise*. 36, 11: 1937 - 1943.
- Trudeau, F. & Shephard, R. (2005). Contribution of school programmes to physical activity levels and attitudes in children and adults. *Sports Medicine* , 35, 2: 89 - 105.
- Williams A e Woodhouse, J. (1996). Delivering the discourse – urban adolescent's perceptions of physical education. *Sport, Education and Society*, Vol 1, 2: 201 - 213.
- Whitehead, K. e Thorpe, S. (2004). The problematic place of a woman physical education instructor: an historical case study, *Gender and Education*, 16, 1: 77 - 95.